

Sem obras, enchentes voltarão a acontecer

Em SV, falta dinheiro; em Santos, serviços

BRUNO RIOS

DIREÇÃO

A falta de dinheiro e o não cumprimento de prazos em importantes obras condenaram os moradores de Santos e São Vicente a uma dura realidade. Nos próximos anos, eles deverão ficar ilhados toda vez que chover forte na região.

As duas cidades sofreram demais durante e depois da tempestade que atingiu a Baixada Santista a partir da noite de quinta-feira. Um fato cada vez mais rotineiro que expõe as falhas do Poder Público e faz a população sofrer mais.

Depois de vários bairros terem alagado ontem, o prefeito Luis Cláudio Bili (PP) admitiu não ter recursos para fazer a macrodrenagem das áreas Insular e Continental. O custo dessa obra está estimado em cerca de R\$ 200 milhões.

"O Município não tem condições de bancar. Por isso, eu pedi uma audiência com o ministro das Cidades, Gilberto Kassab (PSD), para a primeira semana de fevereiro. Só espero a resposta da assessoria deles. Quero ir a Brasília levar o projeto e trazer a verba para cá", afirma o chefe do Executivo.

A macrodrenagem deve dar fim às enchentes em parte dos bairros, como Jôquei Clube, Cidade Náutica, Parque São Vicente, Vila Margarida, Vila Fátima, Jardim Rio Branco, Humaitá e Parque das Bandeiras. Quase todos ficaram abaixo d'água após o temporal de quinta-feira de ontem.

Dinheiro

200

milhões
de reais: é de quanto São Vicente precisará para macrodrenagem

"São problemas de décadas. Temos que fazer a nossa parte, e o que pude fazer agora foi o projeto. Apenas não temos dinheiro, e não há obra paliativa para ser feita. A macrodrenagem precisa sair. Por esse motivo, pedirei ajuda ao Governo Federal. E, se o Governo do Estado também quiser ajudar a gente, será bem-vindo", diz.

SANTOS

Se a falta de recursos é um problema para o prefeito de São Vicente, não é o que ocorre em Santos. A Prefeitura já conseguiu o dinheiro para a execução do programa Santos Novos Tempos, o projeto que tem como objetivo acabar com as enchentes na Zona Noroeste, provocadas pelas tempestades e pela maré alta. Contudo, os prazos dessa empreitada nunca foram respeitados.

A Tribuna noticia a macrodrenagem dessa região há, pelo menos, nove anos. Em quase uma década, pouca coisa saiu do papel. As enchentes, por sua vez, tornaram-se frequentes e destruidoras.



Santos e São Vicente têm inundações sempre que chove com força e, em alguns bairros, quando o nível da maré aumenta: soluções são caras

Questionado sobre os atrasos no cronograma dos trabalhos, o coordenador da Unidade de Gerenciamento dos Santos Novos Tempos, Márcio Lara, explicou que a obra é complexa e feita em um solo mole, frágil e que precisa de cuidado ao ser trabalhado.

Somando-se isso à demora na licitação, de caráter internacional, o resultado foi terrível: o projeto era de 2006 e as obras deveriam ter sido iniciadas em 2008, mas sua execução começou só em agosto de 2013.

"O Santos Novos Tempos tem três fases. As duas primeiras acabariam em até cinco anos. Neste trimestre, nós iniciaremos as galerias (canais fechados) das avenidas Hugo Maia e Martins Fontes para escoar a água da chuva. Um projeto similar deste nível costuma levar 20 anos no mundo todo". Porém, adverte que "retiramos mensalmente dos bueiros 125 toneladas de resíduos sólidos e muitas garrafas PET. Se esse hábito não mudar, nem depois do Santos Novos Tempos pronto as enchentes acabarão".

Fundo financiará projetos urbanos

SANDRO THADEU

■ O Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista (CBH-BS) abrirá neste ano a possibilidade de os prefeitos da Baixada Santista acessarem recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fehidro) para a elaboração e/ou revisão dos planos diretores municipais de Macrodrenagem.

A informação é do coordenador da Câmara Temática de Planejamento desse órgão, o engenheiro Ricardo Kenji Oi. "Neste ano, vamos disponibilizar cursos e manuais para que as prefeituras possam fazer a revisão desses documentos", explica ele, que é coordenador do curso de Engenharia de Produção da Universidade Católica de Santos (Unisantos).

O docente acredita em que os gestores terão a oportunidade de fazer um diagnóstico dos pontos críticos de enchentes, avaliar a rede de drenagem e

Para este ano

"Vamos disponibilizar cursos e manuais para que as prefeituras possam fazer a revisão desses documentos"

Ricardo Kenji Oi, coordenador da Câmara Temática de Planejamento do Comitê da Bacia Hidrográfica da Baixada Santista

planejar as intervenções necessárias.

Para Oi, o crescimento da verticalização (construção de edifícios altos) das cidades e o consequente aumento das áreas impermeabilizadas têm uma influência direta nas enchentes que ocorrem na Baixada Santista.

Essa combinação, aliada à falta de manutenção das redes de águas pluviais e de lixo nas ruas, torna os sistemas locais

de drenagem insuficiente.

"A nossa região tem uma peculiaridade: a maré alta. Quando essa situação é registrada e coincide com uma chuva muito forte, como a dos últimos dias, ela gera muitos transtornos à população", diz o integrante do CBH-BB.

SOLUÇÕES PRÁTICAS

Um estudo de viabilidade aplicado ao Boqueirão, em Santos, comprovou a eficiência da utilização de alguns mecanismos práticos de retenção das águas pluviais, como telhados verdes e cisternas, para mitigar os efeitos dos alagamentos naquele bairro.

O trabalho é de autoria dos engenheiros ambientais Hugo Barros e Olavo Stoerber e do professor do Centro Universitário Senac (sigla para Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) Eduardo Antonio Licco.



Fausto Maduro: "É brincadeira trancar uma cidade quando chove"



Renato Melo e a mulher quase perderam voo para o Espírito Santo

Houve até quem dormisse no ônibus

CÉSAR MIRANDA

■ Por causa da chuva e de pontos de alagamento em Santos, o professor e empresário Renato Melo quase perdeu ontem o voo no aeroporto de Congonhas, marcado para as 8h20.

O drama começou quando ele chegou com antecedência ao ponto de embarque da empresa Translitoral, na Avenida Afonso Pena. Ele foi surpreendido com a informação de que o motorista não havia conseguido ir à garagem, em São Vicente, para pegar o veículo e levá-lo a Santos. O horário de saída para o aeroporto era às 4h30.

Segundo a empresa, um carro chegou a ser encaminhado para buscar o funcionário em casa, às 3 horas, mas não conseguiu transitar até a garagem. Para sorte do professor, acompanhado da mulher, e de outro passageiro que também iria para Congonhas, surgiu um táxi. Contudo, um novo drama surgiu quando chegou à Avenida Nossa Senhora de Fátima, próximo à saída da Cidade: estava tudo parado, e sem previsão de se normalizar.

Com a chuva ainda forte, o taxista saiu daquele trecho, dando ré por metros para pegar, então, uma alternativa para alcançar a Rodovia Anchieta.

"Ainda bem que persistimos", diz Melo, que foi a passeio para Vitória (ES).

NA ESTRADA

Quem optou por se deslocar de ônibus para a Baixada Santista na madrugada de ontem também passou incômodo. Devido à forte chuva, veículos que traziam passageiros do Terminal do Jabaquara, em São Paulo, ficaram presos na entrada de Santos, próximo ao Viaduto Dr. Paulo Bonavides.

No local, um congestionamento de ônibus e caminhões era o cenário, enquanto a via, alagada, impossibilitava o fluxo normal do tráfego.

O aposentado Fausto Maduro, de 65 anos, foi um dos passageiros que tiveram de passar a noite em um ônibus. "É brincadeira trancar uma cidade quando chove. Passar uma noite no ônibus, isso não existe. As pessoas têm compromisso, trabalho, horário", reclama.

"Saímos às 2 horas do Jabaquara. São 9 horas e não está liberada (a pista), ainda. Passamos a noite dentro no ônibus, é um absurdo", continua Maduro.

Mesmo com o problema enfrentado, o aposentado olha pelos que passaram por outros tipos de dificuldade.

"Essa situação causa transtornos muito graves. A gente passou a noite aqui, mas, e as pessoas que tiveram suas casas alagadas?", compara.

Reclamações

Estas são opiniões de internautas que comentaram, na página de A Tribuna na rede social Facebook (<https://www.facebook.com/atribunajornal>), os problemas decorrentes da chuva na região:

"Cadê nossos governantes? Em vez de ficarem fazendo cicloviários não sei para que, deveriam resolver o problema da entrada e da saída da Cidade. É uma vergonha! Queriam saber qual o interesse nessa situação. Não é possível. É um absurdo que, depois de horas sem chover, não consiga passar nada nessas ruas principais. E ainda dizem que Santos é boa para se viver"

Martiz Ramos

"No Japuí (São Vicente) ficamos isolados toda vez que chove! Com a Ponte Pênsil fechada, o único caminho é pelo Viaduto Mário Covas, que vira uma lagoa. Até os ônibus tinham dificuldade para passar"

Ana Christina Beatriz

"O impressionante é que isso acontece há anos. Entra e sai governo, e ninguém resolve nada! De que adianta criar viadutos para facilitar o acesso ao maior porto da América Latina, se qualquer chuva alaga a entrada da Cidade, deixando ilhados tanto os motoristas como os cidadãos desses bairros? E antes fosse somente na entrada da Cidade, né?"

Gabriella Barbosa

"O povo precisa se unir para reivindicar soluções aos governantes e, ao mesmo tempo, educar-se para não jogar lixo nas ruas e terrenos baldios. Quem sabe as lições que a natureza aplica ajudam a se conscientizar"

Ana Luciana Godinho

"Benfeito para a população. Só fico vendo construção de prédio em cima da maré e colocam canálicas nos canais, diminuindo a vazão de água. Como a água não tem para onde ir, fica alagando todos os lados, e a população se acha beneficiada"

Julio Cesar Botelho